

A centralidade da cultura: o fenômeno ‘mito’ Bolsonaro

POR LUÍS CARLOS BORGES DOS SANTOS

*Mestrando em Ambiente e Sustentabilidade e Pós-Graduando em Educação e Cultura pela UERGS
simioni.luiscarlos@gmail.com*

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a construção do fenômeno Bolsonaro visto através de duas correntes teóricas: os estudos culturais de Stuart Hall e da psicologia política. Busca entender os efeitos políticos dos eventos que possibilitaram a eleição de Jair Bolsonaro e como esse processo cultural foi construído no imaginário político considerando três aspectos: 1) a construção do imaginário cultural na política brasileira; 2) a centralidade da cultura; 3) o Discurso da desregulação e regulação da cultura.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo, através dos Estudos Culturais e da Psicologia Política, problematizar a construção do fenômeno “mito” Bolsonaro na perspectiva de Stuart Hall em *A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo* (1997). Vamos concatenar as ideias do autor com as problemáticas levantadas sobre as eleições de 2018, usando da Psicologia Política (GUARESCHI, 2019; MONTERO, 2015; SILVA, 2015) como campo de análise conceitual.

Para tanto, entendemos que os estudos culturais somam-se à psicologia política de uma forma interdisciplinar, pois ambos conceitos podem ser analisados do ponto de vista político. Para os estudos culturais, a política pode ser analisada por vários momentos sociais de sua época. Quando temos por base analisar um fenômeno político através dos estudos culturais logo se abre uma nova interpretação, fora do âmbito da esfera econômica “marxizante”, como diria Milton Santos (2006).

Sobre essa categoria de análise econômica, Hall (1997) destaca:

A velha distinção que o marxismo clássico fazia entre a “base” econômica e a “superestrutura” ideológica é de difícil sustentação nas atuais circunstâncias em que a mídia é, ao mesmo tempo, uma parte crítica na infraestrutura material das sociedades modernas, e, também, um dos principais meios de circulação das ideias e imagens vigentes nestas sociedades. (HALL, 1997, p.17).

Neste texto, Stuart Hall (1997) levanta a enorme expansão da cultura e tudo que está associada a ela e o seu papel constitutivo. Seu principal foco é a regulação da cultura, que examina as tendências e direções contraditórias da mudança social. É sobre essa mudança social que vamos amarrar nossas considerações acerca das eleições de 2018, a qual acreditamos que se encaixa perfeitamente na centralidade da cultura.

palavras chave:
estudo cultural,
psicologia
política,
elites políticas.

Através da Psicologia Política vamos poder entender a “enorme curiosidade pelos fatos que produzem na vida cotidiana de qualquer sociedade e que nos afetam como cidadãos e cidadãs” (MONTERO, 2015, p.41).

Mas para que usar a Psicologia Política nesse texto? Utilizaremos dessa teoria para alicerçar nosso posicionamento frente a construção do imaginário do ‘mito’. Acreditamos que as problemáticas levantadas por Hall (1997) através dos Estudos Culturais e a Psicologia Política se somam para podermos entender esse fenômeno. A Psicologia Política, nesse caso, será um suporte importante para as explicações teóricas dos fenômenos políticos (MONTERO, 2015). A Psicologia Política e os Estudos Culturais são um campo interdisciplinar que utilizam de análises psicossociais, afetivas e sociais, ambos podem analisar o comportamento das pessoas no cenário político (SANDOVAL, 1997).

Para tanto, dividimos esse texto em três problemáticas: a 1ª, da *construção do imaginário cultural na política brasileira*, em que vamos apresentar como a construção do imaginário cultural se constrói na perspectiva midiática; a 2ª, da *centralidade da cultura: o “mito” chamado Bolsonaro*, vamos, através dos conceitos levantados por Hall (1997) sobre centralidade cultural, problematizar como se formou o “mito” Bolsonaro nas eleições de 2018; e na 3ª, do *discurso da desregulação e regulação da cultura*, vamos tecer considerações sobre o processo/formação do discurso na formação eleitoral.

Para tanto, nosso propósito nesse texto não é fazer uma análise profunda dos fenômenos eleitorais de 2018, pois para aprofundarmos nessa temática teríamos que organizar um trabalho de pesquisa mais aprofundado. Por ora, vamos utilizar de dados secundários. Nossa empreitada nesse momento é problematizar através dessas duas categorias de análise: cultura e política.

A construção do imaginário cultural na política brasileira

Esse primeiro ponto de análise visa problematizar através do texto de Stuart Hall *A centralidade da cultura* (1997) alguns pontos referentes a construção midiática que o autor aborda em relação a construção cultural. Temos por provocação algumas perguntas: O que é central na cultura brasileira? Quais elementos são marcantes? Como somos vistos no exterior? O que caracteriza nossa(s) cultura(s)?

Para podermos ter um fio condutor de análise, vamos partir do entendimento que Hall (1997) levanta sobre o processo cultural midiático que interfere nas relações da sociedade. Para o autor, da mesma forma que acontecem as transformações culturais globais, as vidas das pessoas são afetadas por esse processo de comunicação. Ele destaca que essas mudanças culturais influenciam o nosso modo de pensar e agir, pondera que esse modo cultural midiático invade completamente a privacidade e o cotidiano da sociedade.

Para a Psicologia Política, o processo de comunicação afeta diretamente o sujeito em construção, ou seja, os padrões de pensamento, sentimento e identidade tem ligação direta na política, e essa ligação de sentimento se concretiza nas eleições. O processo eleitoral democrático é uma conquista política e cultural.

Como podemos perceber a construção do imaginário na política brasileira a partir de como os brasileiros são vistos no exterior? Para responder a essa indagação vamos conceituar brevemente a questão do Imaginário. O imaginário possui uma função social. Para Carvalho: “as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, por símbolos, alegorias e mitos” (1987, p.11).

Na formação política brasileira, o cenário sempre foi constituído por um imaginário de “salvador da pátria”. Quem fosse pleitear alguma posição na política já saberia que estava representando “o salvador”. Mas como ver essa relação com a cultura da política? Será que tudo é cultura? Como indaga Hall (1997)?

Hall (1997, p. 32) provoca da seguinte forma: Tudo é cultura? Não há nada fora do discurso? Neste ponto o autor levanta algumas considerações referentes a cultura e o processo político da cultura.

Há práticas políticas que se referem ao controle e ao exercício do poder, da mesma forma que existem práticas econômicas, que se referem à produção e distribuição dos bens e da riqueza. Cada uma está sujeita às condições que organizam e regem a vida política e econômica destas sociedades. Agora, o poder político tem efeitos materiais muito reais e palpáveis. Contudo, seu verdadeiro funcionamento depende da forma como as pessoas definem politicamente as situações (HALL, 1997 p.34).

Para responder as provocações sobre os elementos marcantes da cultura brasileira e como essa cultura é vista no exterior, vamos trazer nossa discussão para o âmbito da conjuntura política brasileira e como as influências midiáticas mudam a forma de pensar e agir. Para Hall a “prática social tem condições culturais ou discursivas de existência (1997, p.34).

Pensar nesse processo cultural de práticas discursivas nos leva a entender as eleições de 2018. Mas o que é central na cultura brasileira?

Quando pensamos em cultura brasileira logo nos remetemos à musicalidade, gastronomia, dança, e segundo DaMatta, o famigerado ‘jeitinho’:

Um modo simpático, muitas vezes desesperado e quase sempre humano de relacionar o impessoal com o pessoal, propondo juntar um objetivo pessoal (atraso, falta de dinheiro, ignorância das leis, má vontade do agente da norma ou do usuário, injustiça da própria lei, rigidez das normas, etc.) com um obstáculo pessoal” (DaMatta, 2004, p.48).

No tocante dessa construção cultural, precisamos analisar como no exterior essa imagem do brasileiro e sua cultura é vista, e como isso se reverbera na política brasileira. Será que a política brasileira tem legitimidade fora de seu território?

O trabalho publicado na Revista Científica de Campinas de 2008, *O Brasil pelo olhar do outro: Representações de estrangeiros sobre os brasileiros de hoje* (SCHEYERL E SIQUEIRA, 2018) aponta que, no contexto do exterior, o Brasil é visto dessa forma:

Eu sabia alguma coisa que aprendi na escola. Os problemas ambientais da Amazônia, carnaval, Pão-de-açúcar, Corcovado, criminalidade, inflação. **(Alemão)**
A imagem de um lugar selvagem, onde havia extremos, tanto positivos quanto negativos. **(Australiano)**

Clima tropical, mulatas, samba, futebol e carnaval. Junto com isso, um país com muita pobreza e baixos índices educacionais. **(Chilena)**
 Imagem de um lugar selvagem. **(Australiano)**
 Futebol (Flamengo) e as vitórias de Ayrton Senna. **(Malaia)**
 Muitas árvores e florestas. **(Americano)** (SCHEYERL & SIQUEIRA, 2008, p.383).

Clichês como carnaval e futebol, violência, drogas e favelas, também são construídos no imaginário dos estrangeiros. Sabendo disso, como é vista a cultura política no Brasil no exterior? Como as eleições de 2018 reverberaram culturalmente fora do País?

A centralidade da cultura: o “mito” chamado Bolsonaro

A partir desse ponto, vamos problematizar como se construiu esse “mito” chamado Bolsonaro da perspectiva cultural e política. Nosso objetivo principal é colocar à baila a discussão sobre a construção do ‘mito’ através dos estudos culturais e políticos. Sabemos que essa empreitada não é fácil, uma vez que, para analisar um fenômeno social, se faz necessária uma pesquisa detalhada sobre o processo psico-afetivo dessa dimensão que é o ‘mito’. No entanto, vamos através desse texto provocar algumas reflexões.

Mas como se constrói um ‘mito’? A historiografia brasileira é carregada de ‘mitos’ fundadores, ‘salvadores da pátria’. Desde a vinda dos portugueses ao Brasil, a cultura dos ‘salvadores’ sempre caminhou pelas terras do Brasil. Tanto aos anos de 1500 quanto a 2018, os discursos dos ‘salvadores’ sempre se fizeram presentes. De um lado, a cruz e a espada para livrar o Diabo na terra do sol, de outro Deus acima de tudo.

Na formação social brasileira a construção de um ‘mito’ tem aspectos histórico e sociológico colonizador e escravagista. Um fenômeno social como do ‘mito’ se vale dessas situações para construir um imaginário de salvação. Assim, o elemento principal para a formação do ‘mito’ através de entendimento teológico, da história como realização do plano de Deus ou da vontade divina, vai se construindo através dessa fragilidade social.

No governo Lula, por exemplo, as políticas sociais estiveram à frente de seu mandato, a classe que vive do trabalho começou a se inserir nos espaços que outrora só pertenciam a elite brasileira, como as Universidades Públicas. De certa forma, essas políticas sociais começaram a causar um desconforto na classe média, que também, para chegar ao seu nível, fez uso dessas políticas sociais.

Se o Brasil é a “terra abençoada por Deus” e havia uma bandeira vermelha tremulando algo estava errado. As elites políticas brasileiras, formadas pela Bancada Ruralista, Evangélica e Militar, conhecida como Boi, Bala e Bíblia, começaram a montar seu projeto político. Surge aí o Messias: “Deus Acima de todos, Brasil acima de tudo!”.

No cenário brasileiro, as relações entre política e cultura nunca foram tão presentes quanto nas eleições de 2018. Na historiografia brasileira, a cultura subversiva sempre esteve de certa forma oposta ao cenário político - veja o período militar, onde a cultura de oposição esteve censurada. Mas porque essas culturas mudaram no decorrer dos tempos? Por que durante as eleições não houve tantas manifestações frente ao projeto político de Bolsonaro? Vimos nos meios midiáticos algumas referências de oposição, mas não tão significativas quanto no período militar, por

exemplo. Nessas relações temos por base teórica a psicologia política, que neste texto vamos apresenta esses comportamentos.

Nas eleições de 2018, tivemos dois principais candidatos à presidência. Este lugar foi conquistado de duas maneiras: de um lado um candidato que pregava a liberação das armas como mote de sua campanha, de outro um candidato que tinha como bandeira o resgate do antigo governo popular.

Para a candidatura de Bolsonaro (PSL) à presidência o peso das oligarquias brasileiras foi decisivo, tendo como aliada uma massiva onda de *Fake News* a seu favor promovida por grupos de direita no Brasil¹. Para Hall (1997), a tecnologia é um fator determinante para a dispersão das culturas, pois através da tecnologia as distâncias culturais são curtas.

Hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e ideias (HALL, 1997, p.17).

Entendemos, nesse sentido, que a tecnologia e sua versatilidade colaborou para a rapidez das *fake news* da campanha eleitoral de Bolsonaro. Guareschi *et al* (2019) destacam que:

O pesquisador Fabrício Benevenuto, da Universidade Federal de Minas Gerais, monitorou 347 desses grupos de discussão política no *WhatsApp*, de 16 de agosto a 7 de outubro de 2018. Em um universo de 18.088 usuários que postaram 846.905 mensagens o estudo pode avaliar a capacidade de propagação das notícias falsas (GUARESCHI *et al.* 2019, p.364).

Nesse cenário cultural das eleições se propagava um regime de regulação da cultura, que Hall (1997) destaca da seguinte forma: “Isso ocorre especialmente com questões relativas à sexualidade, moralidade, crime e violência, padrões de conduta pública, relações parentais (pais/mães *versus* filhos/as), ‘valores familiares’ etc” (1997, p.38). O discurso conservador de Bolsonaro defendia essa regulação conservadora da cultura.

Nessa análise em questão, ressaltamos que em Hall (1997) a centralidade da cultura tem uma dimensão epistemológica, que ele aponta como virada cultural. Ou seja, ele se refere a esse poder instituidor de que são dotados os discursos circulantes no circuito da cultura, transformando nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo (HALL, 1997). Sobre esses discursos circulantes, Hall destaca que esses mecanismos são tomados pelos sujeitos a partir dos discursos:

[...] não devemos nos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural (HALL, 1997, p. 20).

Com a polarização política no Brasil, os discursos conservadores foram sendo construídos quando os sujeitos – receptadores- se reconheciam através desses discursos. Através dessa construção do discurso, Bolsonaro alicerçou suas ideias. Sobre o processo de significação da linguagem, Hall (1997) aponta para a concepção de cultura como um conjunto de significados partilhados; conforme o autor a linguagem atribui sentido.

1. Cf. PAULO MARINHO já confessou que foram disparadas *fake news* durante campanha (vídeo). Brasil 247, 2020. Disponível em <https://bit.ly/3nf1BB7>. Acesso em 11/08/2020; SEGALLA, V. ARTICULADOR POLÍTICO de Bolsonaro financiou maior rede de *fake news*. Partido dos Trabalhadores, 2018. Disponível em <https://bit.ly/3kkWRYI>. Acesso em 11/08/2020.

E nesses sentidos que a figura de Bolsonaro foi sendo construída, com seus significados e representações. Na *figura 1* podemos observar essa construção da linguagem que Hall(1997) problematiza.



Figura 1 | Fonte: BANDEIRA NEGRA (2017)

Com base na Psicologia Política, como os fatores psicológicos ajudam a determinar a conduta política? O discurso é o principal produto. O discurso é também o principal produto dos candidatos nas eleições, e não poderia ser de outra forma numa época de polarização política e midiaticizada. Entendemos em Hall a pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas (1997, p.26). Ou seja, essa cultura que foi construída através de um discurso do ódio aos partidos políticos de oposição e às minorias, mesmo correndo o risco de ser reproduzida pela mídia de uma maneira nem sempre simpática, se mantinha de parte do candidato Bolsonaro pois ele sabia que estava atingindo uma grande parcela da sociedade que, midiaticizada, corroborava com ela.

Nesse cenário, Hall (1997) destaca a ‘virada cultural’ como uma revolução de atitudes em relação à linguagem. Mas como podemos concatenar esse processo de análise de linguagem com as eleições de 2018? Como isso impactou nas urnas?

Como apresentado na figura, o candidato Bolsonaro sempre manteve seu discurso voltado para as elites e contra quem se colocasse contrário às suas ideias e convicções. Para Hall (1997) o discurso tem esse significado:

O próprio termo “discurso” refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento. (HALL, 1997, p.29).

Para Bolsonaro, uma mesma frase é um encadeamento de formas linguísticas, podendo dar origem a enunciados diferentes, ou seja, “fuzilar petralhada” ou “Não te

estupro porque você não merece”² foram proferidas pelo candidato. Aliado a isso, temos que o extremismo político não é um fenômeno novo. O Brasil carrega em sua herança colonial, escravagista, coronelista, machista, conservadora, esta relação entre senhor/escravo, terra (latifúndio), oligopólio da mídia. E a conformação de classe sustenta o discurso de Bolsonaro.

Mas por que uma parcela da sociedade brasileira não contestou a fala de Bolsonaro? Se pensássemos em uma sociedade igualitária de direitos, talvez essas ofensas vindas de um candidato de imediato seriam rechaçadas pela sociedade em sua totalidade. Mas não foi isso que aconteceu. Boa parte da sociedade que o elegeu compactua com o seu discurso, pois, no Brasil, carregamos a herança da escravização que atualiza a sociabilidade brasileira a partir de um ódio contra o pobre, preto, periférico, ódio a noção radical de democracia. Entendemos no discurso de Bolsonaro que o ódio está entranhado no tecido social da classe média brasileira, alimentando conforme a conveniência das oligarquias de ocasião. Portanto, é equivocado considerar que algo deu errado na história recente do País: o fenômeno Bolsonaro não é um acidente, é um projeto.

Sobre isso, Hall (1997) destaca que a centralidade da cultura está ligada à regulação social, à moralidade e ao governo da conduta social. Ou seja, quanto mais o discurso conservador é alimentado pelas oligarquias de ocasião, mais forte a imagem de Bolsonaro se concretizava no cenário político. Para Hall, “Quanto mais importante – mais ‘central’ - se torna a cultura, tanto mais significativa são as forças que a governam, moldam e regulam” (1997, p.35).

E como a Psicologia Política se posiciona sobre isso?

Nesse sentido, um dos objetivos da psicologia política é saber mais sobre como se desenvolvem os fenômenos políticos e o porquê se produzem da forma que se produzem. Disso decorre que, didaticamente, se poderia dizer que um primeiro nível organizativo da psicologia política estariam os cidadãos e as questões referentes ao como e por que pensam sobre a política a se fazer; as expressões cidadãs e seus modos de materializar-se, de participar ou mesmo negar-se a participar nos processos políticos; ou ainda o modo como percebem a eficácia das instituições políticas, representantes e líderes, ou inclusive o governo em seu conjunto (SILVA *et al* 2015, p.20. *apud* SILVA, 2012, p.14).

A partir desses dois posicionamentos sobre a formação do discurso e como isso se reverbera na sociedade vamos a partir de agora construir nossa análise sobre essa regulação e desregulação da cultura.

O Discurso da desregulação e regulação da cultura

Eles querem “falar, falar sempre, mesmo que seja para não dizer nada” (RODRIGUES, 1996). Esta citação poderia ser bem colocada antes das eleições de 2018, talvez nas eleições de FHC, Lula e Dilma, quando o discurso dos candidatos seguiam essa máxima, mas não caberia nas eleições de 2018, quando os candidatos e, especialmente Bolsonaro, sabiam a quem queriam atingir.

Certamente é assustador para quem analisa o cenário político brasileiro saber que a eleição presidencial do Brasil foi ganha através de um esquema milionário de *fake news*, onde os protagonistas foram o “kit gay” e a “mamadeira erótica”. Se os estran-

2. LUNA, Y. “NÃO TE ESTUPRO porque você não merece”, volta a dizer Bolsonaro a deputada. JusBrasil, 2014. Disponível em <https://bit.ly/3pnlbgy>. Acesso em 11/08/2020.

geiros viam na cultura do Brasil o carnaval e a caipirinha, certamente as eleições de 2018 ficaram na História.

Mas como isso afetou a cultura política? Para Hall (1997) o processo de desregulação da cultura começa quando a cultura passa para o senso comum nessa nova era neoliberal. Quando Bolsonaro atribuiu o “kit gay” ao candidato de oposição, ele estava dizendo para a sociedade brasileira que o estado estava fadado ao “comunismo” e, de certa forma, seria necessário resgatar os princípios morais cristãos da família brasileira. Ou seja, baseado nos princípios conservadores, Bolsonaro defendia que a cultura estava sendo desmoralizada e ele defendia a desregulação da cultura.

A principal investida, em relação à cultura, tem sido a de retirar do Estado suas responsabilidades na regulamentação dos assuntos culturais e abrir a cultura, paulatinamente, ao jogo livre das “forças de mercado”. A liberdade, ampliando as opções, aumentando a diversidade e o pluralismo cultural, acabando com o paternalismo do Estado em relação às pessoas - estas são algumas das formas pelas quais a desregulação tem sido “vendida” positivamente pelos seus partidários (HALL, 1997, p.36).

Entendemos da seguinte forma: “o movimento em direção às “forças libertadoras do livre mercado” e a estratégia de “privatização” tornaram-se a força motora de estratégias econômicas e culturais, tanto nacionais, quanto internacionais. Ou seja, para Bolsonaro o discurso sempre deveria partir da concepção neoliberal do Estado, usando como princípio a privatização e o moralismo.

Nessa centralidade da cultura, o *marketing* de produtos e ideias circulam socialmente (HALL, 1997), e nesse produto de ideias a principal marca de Bolsonaro era o *slogan*: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Esse modelo de produto funcionou como santinho que pulsava na mente de todos. Em torno disso giram as discussões sobre sua personalidade política. Sua imagem positiva para a comunidade conservadora era que Bolsonaro liberaria o porte de arma e acabaria com a corrupção. Em geral sua história na política nunca foi de grandes feitos.

Até o presente momento, propomos um apanhando de interpretações sobre o fenômeno Bolsonaro, sua postura frente as eleições, seus discursos sobre as minorias. A pergunta que deixamos aqui é: baseado nas eleições anteriores, onde os candidatos tinham como premissa o debate de seus projetos para o Brasil, como Bolsonaro, através de um discurso de ódio e conservador, tornou-se Presidente?

Para iniciarmos essa discussão tomamos de início a colocação de Hall (1997):

Mas poderia valer a pena pararmos aqui para nos perguntarmos por que importa o “governo da cultura”. Por que ele é de vital importância? Por que deveríamos nos preocupar com a forma como são regulados os meios de comunicação (rádio e TV) e suas instituições, com o que podemos ou não ver em nossas telas ou comprar nas prateleiras das livrarias; com a possibilidade ou não das culturas nacionais se protegerem contra a onda das redes globais de comunicação; e com a forma como a diversidade cultural deve ser negociada ou com os debates e as apreensões relacionadas à moralidade e aos padrões de conduta sexual? (HALL, 1997, p.39)

Quando Hall (1997) destaca ‘governo da cultura’, já poderíamos entender como dito anteriormente: Bolsonaro não chegou ao poder por acaso, ele foi um projeto construído pelas oligarquias de ocasião. A credibilidade do discurso depende do

lugar de fala: Bolsonaro construiu o seu a partir de uma base política conversadora (bancada do boi, da bala e da bíblia) e sustentado por um projeto neoliberal.

Considerações finais

Procuramos nesse texto problematizar um fenômeno social. Buscamos na literatura de Stuart Hall (1997) entender esse mecanismo através da cultura, como se constrói um 'mito' e de que forma os meios midiáticos influenciam nessa construção.

Buscamos problematizar essas questões e também apresentarmos através dos conceitos da psicologia política como ocorre essa mudança de comportamento na sociedade e as influências das elites políticas na formação dessa cultura. A utilização das narrativas durante as eleições de 2018 formaram e constituíram o eleitorado. As ideias de salvação se alicerçaram na velha política do bem contra o mal. O uso da tecnologia através dos inúmeros disparos de *fake news* se somaram para a vitória do fenômeno Bolsonaro.

Vimos que durante as eleições se usou muito do patriotismo verde e amarelo, demonizando a bandeira vermelha. Em outras palavras, a ordem e o progresso foi captada pelas elites políticas como mote de campanha, fazendo a população acreditar que somente um Messias poderia salvar o Brasil do comunismo. Procuramos nesse texto apresentar a questão da centralidade da cultura, através dessa construção midiática. Como colocaria Hall, a "crescente centralidade nos processos globais de formação e mudança, sua penetração na vida cotidiana e seu papel constitutivo e localizado na formação de identidade e subjetividades"(1997, p.43).↗

REFERÊNCIAS

A intolerância religiosa não é exclusividade de... Bandeira Negra Anarquismo/Facebook, 2017. Disponível em <<https://www.facebook.com/bandeiranegraanarquismo/photos/a.340892572969444/532871763771523/?type=3&theater>>. Acesso em 04/10/2020.

CARVALHO, J. M. **A Formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DAMATTA, R. (2004). **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco.

_____. (1984). **O que faz do brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco.

GUARESCHI, Pedrinho. AMON, Denise. GUERRA, André (Orgs). **Psicologia, comunicação e pós-verdade** – Florianópolis: ABRAPSO, 2019.

_____. GUARESCHI, P. **As eleições presidenciais no Brasil em 2018: uma análise Histórico-Crítica**. pp 353-402

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade. V.22, n.2 (1997) pp 16-46

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O discurso mediático**. Editora Presença. 1996

SANDOVAL, Salvador. **O Comportamento Político como Campo Interdisciplinar de Conhecimento: A Reaproximação da Sociologia e da Psicologia Social**, in Leôncio Camino, Louise Lhullier e Salvador Sandoval (orgs.), Estudos sobre Comportamento Político: Teoria e Pesquisa, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

SANTOS, Milton. **Encontro com Milton Santos: O mundo Global visto do lado de cá (2006)**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ifZ7PNTazgY>. Acesso em 05/ de outubro de 2020.

SILVA, Alessandro Soares da & Corrêa, Felipe. Org. **No interstício das disciplinaridade: a psicologia política**. 1 ed. – Curitiba: Editora Prisma, 2015

_____. **A psicologia política: ser /estar nos interstícios das disciplinaridade**. pp 13-39

_____. MONTERO, Maritza. **Para que Psicologia Política?** 2015. pp41-64

SCHEYERL, Denise, SIQUEIRA Sávio. **O Brasil pelo olhar do outro: representações de estrangeiros sobre os brasileiros de hoje**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 47(2): 375-391, Jul./Dez. 2008. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/tla/v47n2/a07v47n2.pdf>> Acesso em 10/08/2020.